

A PLAUSIBILIDADE DE FEYERABEND

GUSTAVO LEAL-TOLEDO

(Doutorando da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro

2005

No seu livro *Contra o Método*, Feyerabend expõe o que ele chamou de Anarquismo Epistemológico que usa como lema a famosa expressão “Tudo vale”. Tanto a forma panfletária em que o livro foi escrito quanto o próprio conteúdo do livro tendem a levar muitas pessoas a uma série de confusões em relação a verdadeira intenção do autor. Ele é muitas vezes retratado como algo semelhante a um louco que pretende substituir a ciência pelo vodu, ou qualquer outra coisa parecida, mesmo que o vodu não encontre nenhum suporte na observação. Mas esta caracterização não poderia estar mais longe da verdade. Uma observação menos interessada em manter o atual status político da ciência nos mostra que suas idéias podem ser bastante plausíveis. Deste modo, pretendo neste trabalho mostrar a plausibilidade das idéias que se encontram por detrás da radicalidade de como elas são expostas. Assim, não serão necessários outros livros do autor, pois o próprio *Contra o Método* pode nos dar as ferramentas para isso.

No seu livro, Feyerabend se mostra contrário a toda epistemologia que tente tanto descrever como também prescrever uma única metodologia para a ciência. A razão para isso é bem simples. Em primeiro lugar, a história da ciência está repleta de momentos onde metodologias, que eram bem aceitas, foram deixadas de lado em prol desta mesma ciência. Em segundo lugar porque nós devemos admitir que o mundo é em grande parte desconhecido e, por isso, nós não podemos saber de antemão qual será a melhor metodologia para lidar com aquilo que ainda não conhecemos. Em outras palavras, manter-se aberto para novas formas de conhecer não é só uma descrição da história da ciência, mas também é uma prescrição para o futuro da mesma. Em conformidade com isso Feyerabend nos diz:

“Essa maneira liberal de agir não é, repito, apenas um fato da história da ciência. É algo razoável e *absolutamente necessário* para que se desenvolva o conhecimento” (p. 30)

A maioria dos estudiosos e interessados no assunto concordaria que não existe uma só regra que tenha sido sempre mantida durante toda a história da ciência. É claro que diriam que os poucos momentos onde tal regra, seja ela qual for, foi rompida, não passam de uma exceção. A maioria concordaria também que ainda há muito a ser conhecido no mundo. Mas mesmo assim as conclusões a que Feyerabend chega são consideradas como radicais e inseqüentes. É bem provável que isto se dê devido a forma que ele trata do

assunto. Cabe então o trabalho de tentar mostrar o que está além da radicalidade que surge em *Contra o Método*. Sabemos que, para Feyerabend:

“(...) os princípios do racionalismo crítico (tomar os falseamentos a sério; aumentar o conteúdo; evitar hipóteses *ad hoc*; ‘ser honesto’ – signifique isso o que significar; e assim por diante) e, *a fortiori*, os princípios do empirismo lógico (ser preciso; apoiar as teorias em medições; evitar idéias vagas e imprecisas; e assim por diante) proporcionam inadequada explicação do passado desenvolvimento da ciência e são suscetíveis de prejudicar-lhe o desenvolvimento futuro.” (p. 278)

Deste modo, Feyerabend nos diz que não há uma única metodologia que possa ser dogmaticamente prescrita para a ciência e também não há uma única metodologia que tenha sido obedecida em todos os momentos da história da ciência.

O centro da argumentação dele está justamente fundamentado nesta idéia bastante simples e na idéia de que ainda há muito para se conhecer no mundo, por isso não há uma só regra que deva ser sempre obedecida e que tenha sido sempre obedecida na história da ciência. Contra uma metodologia dogmática, Feyerabend propõe uma aproximação metodologicamente pluralista. Ou seja, algo de novo pode sempre suscitar uma nova forma de ser conhecido e, para isso, necessitar de uma nova metodologia. Se a ciência tem como pretensão conhecer o mundo ela deve, então, estar abertas a novas metodologias. Estar aberto a novas metodologias significa não descartar a priori algo que está em discordância com o que é comumente aceito. É isto o que a ciência, de uma maneira ou de outra, tem feito e é isto que está na base do famoso lema “Tudo vale”. É Feyerabend que nos diz:

“(...) só há um princípio que pode ser defendido em *todas* as circunstâncias e em *todos* os estágios do desenvolvimento humano. É o princípio: *tudo vale*.”(p.34)

Mas neste ponto há muita discordância. O princípio “tudo vale” é por muitos considerado contrário a ciência. Este princípio daria abertura a coisas que são hoje consideradas como anticientíficas como, por exemplo, o vodu, a astrologia, o xamanismo etc. Fora isso, ele daria lugar a coisas que se definem como sendo irracionais como, por exemplo, os delírios dos loucos, as mitologias antigas e, até mesmo, palavras lançadas ao acaso. Tudo isso teria lugar na ciência que acabaria por se tornar em um caos onde cada um

diz o que quer, pois não há uma metodologia que distinga o que é ciência do que não o é. Mas não é isso que Feyerabend parece estar propondo, ele diz que até mesmo “uma ciência que se pautar pelo bem ordenado só alcançará resultados se admitir, ocasionalmente, procedimentos anárquicos” (p. 34). Ou seja, um procedimento anárquico pode ser benéfico à ciência. Isto quer dizer que ele não está defendendo o fim da ciência e a colocação em seu lugar de um caos. Muito pelo contrário, ele diz que a ciência, esta mesma ciência que estamos acostumados a admirar, pode ser beneficiada se usar ocasionalmente um procedimento anárquico. Isto não só é demonstrado pelo fato de que a ciência hoje é o que é porque, em seu passado, existiram pessoas que decidiram violar regras que eram universalmente aceitas, como também pelo fato de que a ciência não pode decidir qual é o melhor método para se conhecer algo que ainda não é conhecido. Deste modo, a melhor via para o progresso da ciência é, e sempre foi, manter aberta a possibilidade de se violar regras comumente aceitas. Mas isto não implica que as regras devam ser a todo momento violadas. Muito pelo contrário, certas profissões devem poder admitir um certo conformismo e uma certa submissão a uma ideologia. Assim, ele concede que:

“as profissões especiais, como as da ciência ou da prostituição, tenham o direito de exigir que seus afiliados e/ou praticantes se conformem a padrões que lhes parecem importantes e que possam verificar-lhes a competência” (p.338).

Deste modo, fica claro que o conformismo pode ser válido desde que ele não seja imposto aos outros que estão fora desta profissão. Ou seja, a ciência e a argumentação racional ainda são válidas do modo como elas estão. O que não é válido é a supremacia que ela tem sobre todo o resto. Fora isso, a própria ciência deve perceber que a argumentação racional nunca foi e nem nunca será sempre a melhor forma de sustentar os seus argumentos. Muitas vezes foi necessária a utilização de meios irracionais para garantir a própria existência da ciência. Não são poucos os casos onde coisas como a vaidade, a paixão, as inclinações pessoais, a presunção, os erros, a teimosia, as brigas entre instituições ou até mesmo o acaso, tiveram um papel decisivo na manutenção de um pensamento e de uma linha de pesquisa que, futuramente, veio a se tornar parte da ciência comumente aceita. Feyerabend chega a dar um destaque especial na capacidade que alguns

cientistas tiveram para fazer propaganda de suas ciências e na importância que estas propagandas tiveram na manutenção de uma linha de pesquisa que veio a se tornar parte da ciência. E é claro que propaganda não é algo considerado como parte da metodologia científica! Descartar estes meios como sendo inúteis poderia comprometer o futuro da ciência. Ele nos diz: “*Mesmo no campo da ciência, não se deve e não se pode permitir que a razão seja exclusiva, devendo ela, freqüentes vezes, ser posta de parte ou eliminada em prol de outras entidades*” (p.279). Deste modo, é fácil perceber que não é só da argumentação racional e da metódica experimentação empírica que depende a ciência. Vários são os fatores externos que permitiram que a ciência pudesse se desenvolver ou até mesmo que influenciaram diretamente o rumo da ciência.

Creio que já tenha ficado claro que o que o autor professa não é um método de ser contra o método. “Tudo vale” não um preceito a ser seguido. Nem é mesmo defendida a proliferação de teorias pela pura proliferação de teorias. “Tudo vale” significa simplesmente que não existe uma única metodologia que seja sempre válida. Ou seja, é a metodologia que deve se adequar às circunstâncias e não as circunstâncias que devem se adequar à metodologia. Feyerabend diz:

“Meu objetivo não é o de substituir um conjunto de regras por outro conjunto do mesmo tipo: meu objetivo é, antes, o de convencer o leitor de que *todas as metodologias, inclusive as mais óbvias, têm limitações*” (p.43).

Fica claro neste fragmento que ele não afirma que todas as metodologias estão erradas e, por isso, o melhor a fazer seria dizer o que quer que seja sobre o que você quiser. O que elas têm são limitações e, por isso, não é recomendável tomá-las como sempre válidas. A metodologia e o conformismo a certas regras ainda têm o seu lugar, mas é necessário que se fique aberto para o possível surgimento de novas teorias e/ou novos fatos que se oponham a estas regras metodológicas.

Mesmo teorias que se apresentem como completamente contrárias às teorias já aceitas devem se permitidas. Uma nova teoria não tem que necessariamente ser coerente com a teoria já estabelecida. Ou seja, a condição de coerência pode e deve ser violada. Se a condição de coerência não puder ser violada, significa que toda nova teoria terá que se adequar a teoria já existente. Mas isto quer dizer que a teoria já existente será privilegiada simplesmente pelo fato de ser anterior a nova teoria. Mas é claro que a anterioridade

temporal não é uma base segura para se sustentar uma teoria. O que ela causa é, na verdade, uma petrificação do dogma que acaba por se transformar em uma ideologia. A teoria mais antiga, por ter um direito privilegiado, será sempre a vencedora na disputa contra as novas teorias. Isto, é claro, causará uma impressão de sucesso da teoria antiga o que só aumentará ainda mais o seu poder frente as novas teorias, levando a um conformismo baseado na suposição de que a verdade já foi alcançada. Mesmo assim, os defensores da condição de coerência argumentam que não se deve inventar teorias sem propósito. Para eles, uma teoria deve ser refutada por fatos discordantes e não simplesmente por uma outra teoria inventada ao acaso. Isto pode ser verdade, mas isso pressupõe que “os fatos *existam e a eles se possa chegar, independentemente de ser ter ou não em conta alternativas da teoria a ser submetida a teste*” (p.50). Feyerabend chama isso de princípio da autonomia.

O princípio da autonomia simplesmente não se sustenta. Acreditar que fatos podem simplesmente surgir para refutar uma teoria é acreditar que existem fatos nus. Mas todo o fato pressupõe uma teoria. A observação depende da teoria e só surge através de uma teoria que a agrupa, a classifica e a interpreta. Deste modo, todo o fato está sempre contaminado por uma teoria. Algumas vezes esta contaminação pode ser bastante clara, como quando nós dependemos de um aparelho de avançada tecnologia para fazer uma observação. Mas outras vezes a contaminação se esconde e se mascara em forma de um preconceito que não é percebido, como quando estamos falando de uma simples observação a olho nu. Nos dois casos há toda uma teoria que tenta explicar a correspondência entre o que eu observo e o que é observado. Sem esta teoria eu não poderia confiar na minha observação. Assim, há casos onde a teoria está tão arraigada que ela se torna parte da própria linguagem o que acaba por deixá-la quase invisível. Em conformidade com isso Feyerabend nos diz:

“(...) as linguagens e os padrões de reação que envolve não constituem meros instrumentos para *descrever* eventos (fatos, estados de coisas), mas são, também, modeladores de eventos (fatos, estados de coisas), contendo-se em sua ‘gramática’ uma cosmologia, uma visão ampla do mundo, da sociedade, da situação do homem, que influencia o pensamento, o comportamento, a percepção” (p 349).

É exatamente por isso que deve ser permitido com que novas teorias surjam livremente. Pois estas novas teorias podem justamente nos mostrar que relatos considerados relatos de observação estão, na verdade, fundamentados em teorias que de tão profundas e

generalizadas só aparecem por contraste com outras teorias. “Os preconceitos são descobertos graças a contraste e não graças a análise” (p.42). Deste modo, é necessária uma nova teoria para revelar novos fatos. Se levarmos isso em consideração, percebemos que o princípio de coerência, onde teorias têm que ser refutadas por fatos, não se sustenta, pois sem novas teorias não há fatos refutadores e sem fatos refutadores uma teoria nunca será considerada falsa. Deste modo, um cientista que deseje aumentar o conteúdo empírico de sua teoria e que deseje colocá-la a prova deve lutar para que novas teorias potencialmente refutadoras surjam.

É claro que teorias devem ser comparadas com teorias e em pé de igualdade. Uma nova teoria vai sempre perder para uma antiga teoria se não tiver tempo de se desenvolver. A comparação entre as duas teorias deve ser justa para ambas. Assim, a nova teoria deve ter tempo e verba para se crescer. Do contrário perecerá, não por ser uma teoria ruim, e sim por não ter tido a condição de se desenvolver. Isto significa que novas teorias na devem ser só desejadas e sim, estimuladas e patrocinadas. “Devemos conservar a nova cosmologia até que haja sido complementada pelas ciências auxiliares necessárias” (p. 237). São estas ciências auxiliares que trarão novos fatos à tona e que fundamentaram melhor a nova teoria. A comparação entre duas teorias só será justa quando elas já tiverem se desenvolvido.

Já que toda a observação está sempre impregnada de teoria, a nova teoria que surgir não estará ido só contra pensamentos já estabelecido, mas também contra observações já fundamentadas, pois os fatos encerram “concepções antigas que foram perdidas de vista ou que jamais chegaram a ser explicitamente formuladas” (p.113). Qualquer teoria que vá contra estas “concepções antigas” também irá contra os fatos que elas encerram. Deste modo, uma teoria que proceda contra-indutivamente não deve ser descartada simplesmente porque vai contra fatos já estabelecidos. Muito pelo contrário, o fato de ela ir contra estas observações significa justamente que ela questiona a própria teoria que está por detrás destas observações. Exatamente por isso ela é potencialmente uma criadora de novas observações que poderá por a prova a teoria mais antiga. Em outras palavras, até mesmo os fatos não são bom juizes para decidir se uma teoria deve prevalecer ou não. Isto é assim porque os fatos estão sempre contaminados por teorias, o que quer dizer que eles não são imparciais quanto a qual teoria escolher. Fora isso, “não há uma única teoria digna de interesse que esteja em harmonia com todos os fatos conhecidos que se situam em seu

domínio” (p.41). Esta desarmonia é, na maioria das vezes, simplesmente ignorada e esquecida. Assim, a ciência prossegue passando por cima de observações refutadoras. Tendo isso em vista, agir contra-indutivamente deixa de parecer absurdo e passa a se tornar praticamente necessário para o próprio progresso da ciência. Se fatos refutassem teorias, não existiria nenhuma teoria e se existisse uma teoria em concordância com todos os fatos, ela nunca poderia ser refutada sem o auxílio de outras teorias que pareceriam, a primeira vista, como sendo contra-indutivas e contra o princípio de coerência. Mas o domínio de uma teoria sobre todas as outras deve ser evitado a todo custo. Este domínio não seria só contra o próprio desenvolver da ciência, que teria se transformado em dogma, como também seria contra a liberdade humana.

Tendo isto em vista, Feyerabend defende não só a separação Estado-ciência como também a interferência do estado para manter a pluralidade de teorias. Falar em separação e intervenção ao mesmo tempo parece contraditório, mas não é. O que ele quer dizer é que uma intervenção na ciência se faz necessária para que a separação do estado da ciência se faça. Isto é assim porque a ciência tomou uma tal amplitude, um tal poder, que é necessário que o estado interfira e proteja as outras formas de saber de serem eliminadas pela ciência. Feyerabend diz:

“(…) é mais do que tempo de acrescentar a separação Estado-Ciência à separação, hoje habitual, entre Estado e Igreja. A ciência é apenas um dos muitos instrumentos inventados pelo homem para fazer face à circunstância. Não é o único, não é infalível e tornou-se demasiado poderoso, dinâmico em demasia, excessivamente perigoso para ser abandonado a si mesmo” (p.337).

Há muito tempo já é permitido com que cada um escolha a sua religião livremente. Mas até hoje o estudo das disciplinas científicas é obrigatório nas escolas e a ciência é tida como aquela que dá a última palavra. Aqui não é defendido que a ciência seja extinta e que os cientistas sejam perseguidos. Mas sim que cada um possa escolher livremente sobre como educar os seus filhos, sobre como tratar suas doenças, como seguir a sua vida, como se proteger do mundo etc. Hoje em dia o grau de liberdade em relação à ciência é muito pequeno. Quem não for educado neste método dificilmente terá futuro. Quem não quiser trabalhar com alguma de suas várias facetas dificilmente terá um emprego. Quem publicamente negar os seus preceitos não será levado a sério. Tudo isso faz parte do que é

chamado por Feyerabend de chauvinismo da ciência. Ela não se contenta em ter a sua própria doutrina, mas quer impor esta doutrina a todas as outras áreas do conhecimento. Algo é verdadeiro se segue esta doutrina, se não segue não deve ser levado a sério. E o problema aqui está justamente no fato de que a ciência tem hoje o poder para exercer o seu chauvinismo. É exatamente contra isso que o estado deve intervir, permitindo com que novas formas de conhecer aflorem e, assim, separando-se finalmente da ciência.

Vimos, então, que “tudo vale”, longe de ser um preceito epistemológico que incentive a proliferação inútil de teorias, é a constatação de que nunca houve uma única regra metodológica que tenha sido sempre seguida por toda a história da ciência e que, por não sabermos o que ainda temos para conhecer, é melhor que nunca exista uma tal regra. Vimos também que o conformismo a alguma regra é aceitável, até um certo ponto, para o desenvolvimento de uma determinada área do saber. Mas as pessoas que aceitarem um tal conformismo devem ter em mente que a teoria que defendem não pode ficar a espera de fatos refutadores, pois fatos só surgem através de teorias. Assim, ela só pode ser refutada por uma outra teoria igualmente forte. Esta nova teoria, ao surgir, não será coerente com a antiga e, além disso, pode também não ser coerente com observações já bem fundamentadas exatamente porque estas observações estão assentadas em uma outra teoria. Deste modo, uma nova teoria deve ser incentivada para que fatos potencialmente refutadores sejam levantados e, assim, a disputa entre as duas teorias rivais seja justa. Mas o chauvinismo científico tende a rechaçar novas e também antigas teorias simplesmente porque não as considera científicas. Ao fazer isso ela não só diminui o possível conteúdo empírico da ciência, mas também diminui a liberdade humana. É por isso que, para Feyerabend, o estado deve intervir nesta disputa, permitindo que modos de conhecer o mundo que tenham menos poder político possam também existir. Esta separação entre estado e ciência não é só benéfica para própria ciência, pois propicia o surgimento de novas observações, mas também é benéfica ao homem, pois deixa com que cada um escolha livremente o seu modo de lidar com o mundo.

BIBLIOGRAFIA:

FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1977.